

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

ANA BEATRIZ DA COSTA
CAMILA RIBEIRO

Marcia Aparecida Amador Mascia

Eduardo Manuel Bartalini Gallego

**VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL VINDA DE CASA NO
ÂMBITO ESCOLAR: QUAL POSTURA A ESCOLA DEVE
ADOTAR?**

Itatiba

2022

Dedicamos este trabalho às nossas famílias e amigos por nos apoiarem e incentivarem em nossas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Depois de 4 longos anos, se encerra mais um ciclo, de muitos sorrisos, desentendimentos, emoções e muita felicidade que vivemos. Esse trabalho é resultado de toda ajuda que tive direta ou indiretamente, daqueles que me incentivaram. Aqui fica meu agradecimento em especial a minha mãe, que me incentiva e incentivou a não desistir e sempre esteve ao meu lado. Agradeço aos meus familiares, amigos e ao meu namorado. Meus agradecimento aos meus professores orientadores Marcia Aparecida Amador Mascia e Eduardo Manuel Bartalini Gallego e a minha dupla Camila, que sem o apoio e a dedicação deles isso não seria possível. Muito obrigada!

Com carinho Ana Beatriz

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus pelas portas que me abriu, em segundo aos meus pais por sempre me apoiarem e incentivarem ir atrás dos meus objetivos, amigos e professores que encontrei nesses 4 anos. Em especial a minha parceira Ana que esteve ao meu lado e passou altos e baixos comigo e aos nossos orientadores que nos mostraram o caminho certo para desenvolver o trabalho. Não posso esquecer do meu namorado, que esteve ao meu lado nos momentos de medo e esteve ali para me fazer erguer a cabeça. Obrigada Universidade São Francisco, pelos 4 anos intensos que passei aqui, sentirei falta, inclusive da cantina, esses momentos ficarão para sempre marcados em minha memória.

Um grande beijo, Camila.

VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL VINDA DE CASA NO ÂMBITO ESCOLAR: QUAL POSTURA A ESCOLA DEVE ADOTAR?

ANA BEATRIZ DA COSTA¹

002201902319

CAMILA RIBEIRO²

002201900344

RESUMO

A infância é um momento muito importante e especial para todas as crianças, pois é nessa fase que os pequenos passam a descobrir o seu eu e o mundo ao seu redor e em muitos casos a escola é o ambiente no qual as crianças começam a dar indícios que algo está ocorrendo, e isso pode ser notado através das alterações comportamentais. O presente estudo tem como objetivo discutir como as escolas lidam quando se deparam com alunos que possam estar sofrendo algum tipo de violência sexual e buscar ferramentas as quais possam ajudar a equipe gestora a lidar quando com a situação quando algum estiver sofrendo essas violências. Trata-se de uma revisão bibliográfica de estudos publicados entre os anos de 1995 e 2022, abordando o tema as marcas da violência sexual infantil vinda de casa para o âmbito escolar, auxiliando as escolas a lidar com esses casos. De 28 artigos encontrados, apenas 11 se adequaram aos critérios de inclusão necessários. Destes 10 artigos que serão utilizados, os resultados mais relevantes apontam que em muitos casos a equipe gestora não possui informações suficientes e postura irregulares frente a essas situações, sendo que muitas educadoras acreditam que a precaução do abuso sexual contra crianças está no diálogo com as vítimas.

Palavras-chave: violência sexual escola, violência sexual infantil, violência escola, abuso infantil.

INTRODUÇÃO

O período da educação escolar é um momento muito especial para as crianças e adolescentes, pois é nessa fase em que eles estão se conhecendo e conhecendo o mundo, e é também na escola que os pequenos começam a ter suas primeiras noções formativas de cidadão.

A violência sexual infantil é um assunto que se faz necessário estudar, para que se possa ter a real noção do reflexo que isso causará não apenas na vida escolar dos alunos, mas também que a escola possa tomar as devidas atitudes de maneira correta e encaminhar para o tratamento necessário caso isso esteja ocorrendo, e assim consiga

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

² Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

ajudar as vítimas a solucionar esta questão que muitas vezes pode estar ocorrendo em suas residências.

A escola possivelmente pode ser um dos locais nos quais as crianças demonstram que algo está acontecendo. Isso pode ser percebido através de alterações comportamentais, de humor, o choro, tristeza, agressividade e muitos outros aspectos que os professores devem estar atentos, pois essas são algumas modificações que as vítimas podem manifestar. Como sabemos, a violência sexual infantil é um fato que sempre existiu afetando crianças de todas as idades, sendo elas meninas e/ou meninos no Brasil e no mundo.

O tema desta pesquisa foi escolhido a partir de uma vivência que uma de nós tivemos, foi presenciado uma cena de um possível caso de violência sexual infantil em um dos alunos, vindo de casa, e a reação foi a menos esperada, pois começa passar diversas situações em nossa mente e quando se depara, é diferente de tudo o que imaginava e achava que poderia ser feito, nos sentimos tão impotentes quanto as crianças e se em nós que somos adultos e sabemos nos expressar dói, neles que são pequenos e não são capazes de se defender o dano é muito maior. E nesse caso em específico, quando comunicado à família, a aluna foi tirada da escola e não sabemos o desfecho do caso.

O presente trabalho se descreve por uma revisão bibliográfica, com o intuito de saber qual a postura correta que a escola deve tomar quando se deparar com alunos que possivelmente estejam sofrendo violência sexual em suas residências, tendo como objetivo discutir como as escolas lidam com os possíveis casos e trazer métodos e ferramentas de aprendizado, para que os professores saibam conduzir essas situações da melhor forma possível.

Foi realizada uma pesquisa de artigos científicos apenas na língua portuguesa que estavam a disposição nas bases de dados virtuais Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online), tendo como palavras-chaves violência sexual escola, violência sexual infantil, violência escola, abuso infantil. Utilizamos como critério de exclusão artigos que foram publicados em até 27 anos e artigos que não se encaixam no tema e objetivo estabelecidos previamente.

Este trabalho está organizado em três partes que são: Introdução; Desenvolvimento; O que é abuso sexual infantil?; Como identificar a violência?; Qual a postura a escola deve tomar?; E por fim, as considerações finais.

Após o estudo e análise dos artigos foi elaborada uma revisão bibliográfica de como a equipe gestora deve proceder com alunos, crianças e adolescentes que possam estar sofrendo algum tipo de violência sexual em seus lares. Depois de vivenciarmos essa situação em ambiente escolar, se fez necessário realizar uma revisão bibliográfica para que

o corpo gestor saiba qual o posicionamento correto se deve tomar quando se depararem com esse tipo de situação na escola.

O QUE É ABUSO SEXUAL INFANTIL?

Entre todas as definições que existem, durante as pesquisas realizadas com base nos artigos encontrados a mais escutada e compreendida pela população é o ato do agressor realizar seus desejos sexuais sem entendimento e sem o direito de ser ou não consentido, pois são crianças e não têm a menor capacidade de se defenderem desse crime cruel.

Nos dias de hoje o abuso Sexual Infantil vem sendo um assunto muito comentado e presente dentro de nossa sociedade, infelizmente muitas crianças e adolescentes (principalmente meninas) são alvos desse crime e a escola acaba sendo um ambiente em que as crianças demonstram mudanças em seu comportamento como humor, agressividade, choro, medo, inquietação, tristeza e distanciamento, segundo Blanchard, (1996, p.2).

O trauma do abuso pode levar à falta de sono, de apetite, outras queixas somáticas e comportamento autodestrutivo. Francos sintomas de transtorno de estresse pós-traumático podem estar presentes, com pensamentos intrusivos relacionados com o processo real de abuso e evitação de pessoas e lugares associados. A autoestima é geralmente muito baixa, com sentimentos predominantes de nojo, contaminação, sujeira e falta de valor. O desamparo e a falta de esperança são frequentes e muitas vezes com um elemento de raiva. A incidência de depressão é consideravelmente elevada.

Por este motivo os professores devem estar sempre atentos a todos os sinais que as crianças apresentam e tomar as medidas necessárias, como informar ao conselho tutelar e fazer a denúncia, e também encaminhar a um psicólogo, para que elas possam ter o amparo e apoio necessário, pois infelizmente mesmo que as leis sejam rigorosas nos dias de hoje, o índice de casos ainda é muito grande Jornal edição do Brasil (2022, p. 2), “a cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são exploradas sexualmente no Brasil. Contudo, esse índice pode ser ainda maior, haja visto que apenas 7 em cada 100 casos são denunciados”

E na maior parte dos casos, as vítimas sentem medo e não conseguem denunciar, se sentem impotentes perante à situação e como se trata de crianças pequenas, elas não entendem o que está acontecendo e acabam não verbalizando o caso ocorrido e sim dando sinais tentado mostrar que tem algo de errado e que precisam de ajuda. Quando pensamos nas consequências que as vítimas terão em suas vidas, não apenas escolar, se faz necessário refletir sobre, pois, os traumas que essas crianças levarão consigo serão

enormes e se tornarão uma barreira na vida pessoal e dependendo dos casos até mesmo profissional.

COMO IDENTIFICAR A VIOLÊNCIA?

Com base nos estudos realizados e na leitura de artigos (11), podemos observar que na maioria das vezes os professores observam comportamentos estranhos em seus alunos, alguns hematomas na hora das trocas, queixas de dores sem causas aparentes, brincadeiras de cunho sexual, medo, receio de permitir que o (a) professor limpe e troque a criança, mas nem sempre são dessa maneira, então devemos estar atentos a todos os sinais.

Em alguns casos, os professores optam por conversar com os alunos e até mesmo pedir que façam desenhos, procurando métodos e a mudança de comportamento na maioria das vezes fica muito evidente, então atenção é essencial nesse momento para que possa descobrir, e assim, denunciar o crime.

“Mudanças extremas, súbitas e inexplicadas no comportamento, como oscilações no humor entre retraimento e extroversão;
Mal-estar pela sensação de modificação no corpo e confusão de idade;
Regressão a comportamentos infantis;
Tristeza, abatimento profundo ou depressão crônica.” (Coordenadoria da Infância e da Juventude).

O tema violência ainda é um grande nó dentro das escolas, quando se pensa em uma situação de violência sexual, é preciso avaliar todos os aspectos estruturais da criança e o meio que a cerca, visto que os estudos realizados no ECA e Blanchard (1996) apontam que, na maioria das vezes, a agressão é praticada por parentes ou pessoas conhecidas e próximas da vítima. Diante disto, qual o verdadeiro papel da escola diante de uma suspeita ou confirmação de um caso? É papel da escola e do professor acolher, orientar ou proteger essa criança?

Neste sentido, o artigo 18 do ECA “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Desta forma, se faz necessário trabalhar e problematizar essa temática nas escolas, buscando sempre pontuar a prevenção, a Escuta Ativa e o acolhimento e atenção à vítima, para que essa se sinta encorajada a conversar com seus professores sobre o assunto, já que a criança precisa de um contexto que responda a seu pedido de socorro, que é externalizado inconscientemente de diversas formas, como baixo rendimento escolar,

agressividade, depressão, apatia, ansiedade entre outras. Blanchard, (1996, p.7), disserta que:

Ter vivido um trauma físico e psicológico faz com que a vítima questione sua capacidade de defender-se... Ela aprende a odiar seu corpo porque ele a faz lembrar de más experiências. Ela tem respostas dissociadas, apresenta dificuldade de intimidade e é emocionalmente distante. Ela aprende que não pode controlar seu corpo e que outra pessoa pode tocá-la em o seu consentimento... Ela não confia na sua memória, nos seus pensamentos e no seu senso de realidade. Essas consequências afetam não só a vítima, mas também a sociedade em geral porque uma criança traumatizada torna-se eventualmente um adulto que pode adotar comportamentos agressivos ou passivos para resolver as situações e o estresse.

Nesta perspectiva, antes de uma intervenção preventiva é de suma importância que os professores tenham clareza sobre os tipos de violência contra a criança e com isso possam desenvolver trabalhos que abordem os direitos das crianças, a violência e o que devem fazer quando esses direitos são “tirados” ou negligenciados, visto que o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente prescreve que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Sendo assim, a escola deve ter conduta protetiva, cuidadora e assegurar em seu âmbito os direitos das crianças, denunciando todas as formas de negligência ou violência a menores. Visando que a escola é o local que a criança mais frequenta e que neste contexto aprende e vivencia experiências sociais e afetivas com seus pares e professores, constantemente é neste ambiente que ela tende a dar indícios e pedir proteção, assim sendo, se ao observar qualquer indicio de violência sexual a escola e professore se cala ou não cumpre com seu dever de proteção se torna da mesma forma agressora.

QUAL POSTURA A ESCOLA DEVE TOMAR?

Essas situações são muito delicadas, então a postura do professor tem que ser cautelosa para não invadir tanto a particularidade dessas crianças, mas não somente os professores e sim todos os funcionários, dando o apoio que essa criança merece, procurando conhecimentos sobre o direito das crianças e dando suporte, para que possam ser encaminhadas para cuidados e suporte de apoio especializados nesses casos.

Neste contexto, a melhor ferramenta de prevenção se inicia pela a (in)formação dos professores, já que a maioria das vezes são eles os observadores e detectores das mudanças comportamentais dessas crianças, justamente por estarem em uma relação mais próxima a elas e, segundo Artigo 13 do ECA “O professor não pode se omitir, deixar de fazer a notificação, porque, nesse caso, a escola passa de um papel potencialmente protetivo para se tornar um fator de risco à criança”.

As escolas não devem fechar os olhos e agir como se fosse algo comum, pois não é, é um crime e devemos fazer com que o criminoso pague por isso, pois o psicológico dessa criança nunca mais será o mesmo, é um trauma que ela vai carregar até o fim da vida, devemos fazer o máximo que está ao nosso alcance, mas sabemos que infelizmente é uma insegurança que ela sempre vai ter. Nesse sentido, Guerra (2001) alerta ao fato de que a criança, principalmente aquela com idade abaixo dos 7 anos de idade, não teria condições para narrar uma situação de violência sexual se não tivesse base para isso, segundo a autora a criança não saberia detalhes de uma relação sexual se não a tivesse vivenciado.

Sendo assim, professores capacitados adequadamente são mediadores da informação, e como o intuito é instruir à criança de forma correta sobre sexualidade, direitos e proteção, cabe a estes o papel de relacionar o tema “sexo” a uma ação de respeito, responsabilidade, afeto e proteção. Sobre isto Donizete, 2010, aborda que:

Os temas sexuais, ao serem tratados juntamente com a criança, devem ser discutidos sob orientação e acompanhamento dos profissionais da educação, já que a descoberta da sexualidade não pode ser seguida de uma inibição sexual, mas sim de acompanhamento e explicação por parte do professor e da escola, pois seu desenvolvimento acarretará em aspectos sociais e cognitivos. A educação é o meio mais eficaz para orientar e preparar a criança para a vida social posterior. (DONIZETE, 2010, p.11)

O PCN, também aborda a temática da orientação sexual sob o olhar preventivo do abuso sexual.

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. Finalmente pode-se afirmar que a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (PCN, 1997)

Diante disto, entende-se que a escola é uma das principais instituições consideradas ideais para detectar, intervir e encaminhar casos de abuso sexual, porém para que a escola cumpra seu papel é imprescindível que os professores tenham conhecimentos mínimos sobre as leis que regem os direitos da criança e do adolescente, pois são eles que diretamente estão trabalhando na construção do conhecimento de mundo, social e afetivo destas crianças.

Porém, não é apenas papel da escola ou do professor, afinal cuidar e proteger as crianças é dever de todos, neste sentido, trabalhar a sexualidade dentro do contexto escolar deve ser tratado de forma que se sobressaia aos muros da escola e alcance o coletivo um movimento de informação e conscientização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel dos professores na vida dessas crianças é de suma importância, é dever dos professores cuidar e zelar por cada uma delas. Infelizmente muitos professores ainda não sabem qual é a postura correta que devem adotar e acabam se vendo em um “beco sem saída”, deste modo se faz necessário que eles tenham uma rede de apoio, cursos, orientações que ensinem a postura correta a ser adotada, pois não é fácil se deparar com essas agressões, e mais difícil que isso é ver e não saber qual a maneira correta abordar essas crianças e proporcionar o devido cuidado que elas merecem.

Nos dias de hoje existem sim, muitas leis que asseguram o direito das crianças, mas é muito difícil lidar com isso, pois nem sempre elas são exercidas da maneira devida. Infelizmente o sistema ainda é muito falho e não são todas as pessoas que denunciam, e quando se trata de uma violência voltada à criança, cabe os adultos que ali estão presentes, cuidar e zelar pelo bem-estar de cada uma, buscando ajuda de fora e encaminhando esses casos para os órgãos necessários, que no caso da escola é o conselho tutelar, pois perante as leis, é ali que serão tomadas as medidas necessárias para conseguir tirar a criança desse ciclo onde acontece os abusos, punindo o agressor da maneira correta.

Com base nos estudos realizados, podemos concluir que a escola ainda carece de muitas informações sobre esse assunto, pois a partir da revisão realizada e da vivência que tivemos, pudemos perceber que em alguns casos os professores não têm estrutura psicológica e nem conhecimento para lidar com essas situações e necessitam de instruções e capacitações para lidar da maneira correta quando se depararem com esses casos.

REFERÊNCIAS

BRINO, Rachel, Faria, WILLIAMS, Lúcia, Cavalcanti, Albuquerque. Concepções da Professora acerca do abuso sexual infantil. Laboratório de Análise e Prevenção da Violência da Universidade Federal de São Carlos-SP. **Cadernos de Pesquisa**, n. 11º, p. 113-128, julho/2003.

SANTOS, Marconi, Jesus. et. all. Caracterização da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes na Escola. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 2018.

SPAZIANI, Raquel, Baptista. MAIA, Ana, Cláudia, Bortolozzi. Educação Para a Sexualidade e Prevenção da Violência Sexual na Infância: Concepções de Professoras.32. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, (ONLINE), 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/vqMD49xDgznQhq6DKjGs4xd/>, Acesso 08 de Setembro de 2022.

SOARES, Elaine, Maria, Rosa. et all. Perfil da Violência Sexual Contras Crianças e Adolescentes. 9. **Revista Interdisciplinar**, 2016.

HOHENDORFF, Jean, Von. HABIGZANG, Luísa, Fernanda. KOLLER, Silvia, Helena. Psicoterapia para Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual no Sistema Público: Panorama e Alternativas de Atendimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2015.

INOUE, Silvia, Regina, Viodres. RISTUM, Marilena. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia**, janeiro-março, 2008.

HOHENDORFF, Jean, Von. PATIAS, Naiana, Dapieve. Violência Sexual contra crianças e adolescentes: Identificação, consequências e indicações de manejo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 239-257, jan/jun. 2017.

BLANCHARD, J. (1996, Abril). *Sexual exploitation* Trabalho apresentado no Congresso Against the Sexual Exploitation of Children, Brasília, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/vqMD49xDgznQhq6DKjGs4xd/> , Acesso 02 de Agosto de 2022.

DONIZETE, Nayara L. Sexualidade Infantil: Um Olhar Pedagógico, 2010. Disponível em <www.unifan.edu.br> Acesso em 12 de outubro de 2022.

GUERRA, V. Infância e Violência Física contra Criança e Adolescente: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2001

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA. Brasília, 1990.